DOI: 10.30612/rmufgd.v13i25.15989

MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD

A Al Jazeera como instrumento de projeção internacional do Catar: uma análise da cobertura da Guerra da Síria

Denise De Rocchi
NUPRIMA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: derocchi@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8222-1960

Resumo: a transição política ocorrida em 1995 no Catar representou uma reorientação em sua política externa, em busca de maior projeção internacional. Uma das medidas adotadas para atingir este fim foi a criação da Al Jazeera, emissora direcionada ao público de outros países, transmitindo em árabe e inglês. Este artigo discute a relação entre a cobertura da emissora e a política externa do país que a financia, a partir de reportagens sobre a Guerra da Síria, embasando-se na leitura de Gramsci proposta por Robert Cox, que considera ideias e valores como elemento de poder, assim como capacidades materiais. O método de análise textual é misto, com elementos da Análise de Discurso e da Análise de Conteúdo. O corpus analisado (notícias publicadas pela Al Jazeera em inglês) mostra uma prevalência de fontes alinhadas ao posicionamento do Catar sobre a guerra e expressão de valores que embasam a ordem mundial, como direitos humanos e o papel de liderança dos EUA. A emissora de TV defende a visão política da monarquia catari, de inserir-se na ordem vigente mais do que questioná-la, ainda que seus representantes não sejam atores presentes nas notícias.

Palavras-chave: Catar; Al Jazeera; Guerra da Síria

Al Jazeera as an instrument of Qatar's international projection: an analysis of its coverage of the Syrian War

Abstract: After a political transition in 1995, Qatar reoriented its foreign policy aiming to improve its international projection. One of the measures adopted to achieve this goal was the creation of Al Jazeera, a TV network broadcasting in Arabic (and years later in English) focused on foreign audiences. Based on reports on the Syrian war, this paper discusses the relationship between the broadcaster's coverage and Qatar's foreign policy, its sponsor State. The theoretical approach is the reading of Gramsci proposed by Robert Cox, who considers ideas and values as an element of power as long as material capabilities. The corpus analyzed (news published by Al Jazeera in English) through a mixed method based on Discourse Analysis and Content Analysis shows a prevalence of sources aligned with Qatar's position on war and the expression of consensual values in the liberal world order, such as human rights and the US leadership role. Al Jazeera defends the political vision of the Qatari monarchy, of inserting itself into the current order rather than questioning it, even though its representatives are not actors portrayed in the news.

Key-words: Qatar, Al Jazeera, Syrian War

Al Jazeera como instrumento de proyección internacional de Qatar: un análisis de la cobertura de la guerra de Siria

Resumen: La transición política ocurrida en 1995 en Qatar representó un cambio en su política exterior, en busca de una mayor proyección internacional. Entre las medidas adoptadas para lograr este fin estuvo la creación de Al Jazeera, una emisora dirigida a audiencias de otros países esque transmite en árabe e inglés. Este artículo analiza la relación entre la cobertura de la emisora y la política exterior del país que la financia, a partir de reportajes sobre la Guerra de Siria, a partir de la lectura de Gramsci propuesta por Robert Cox, quien considera las ideas y los valores como elementos de poder, así como capacidades materiales. El método de análisis textual es mixto, con elementos de Análisis del Discurso y Análisis de Contenido. El corpus analizado (noticias publicadas por Al Jazeera en inglés) presenta un predominio de fuentes alineadas con la posición de Qatar sobre la guerra y la expresión de valores que subyacen al orden mundial, como los derechos humanos y el papel de liderazgo de Estados Unidos. La cadena de televisión defiende la visión política de la monarquía qatarí de insertarse en el orden actual en lugar de cuestionarlo, aunque sus representantes no sean actores presentes en las noticias.

Palavras-clave: Qatar, Al Jazeera, Guerra de Siria

Recebido em: 22/05/2022
Aceito em: 29/01/2024

CC BY NC SA

1 INTRODUÇÃO

Como parte de seus projetos de política externa, alguns governos têm desenvolvido iniciativas no campo da comunicação, investindo em rádios, redes de TV ou portais de notícias na internet, direcionados à população de outros países[1]. Trata-se de um tipo de ação que busca difundir posicionamentos políticos e conquistar a opinião pública estrangeira, sendo interpretados por alguns como ação de diplomacia pública e pelos detratores, como de propaganda.

Um destes veículos é a Al Jazeera, criada em 1995 pelo governo catari para projetar o país internacionalmente: a emissora conquistou o público árabe com debates que até então não existiam no jornalismo da região (Zayani, 2005; Touzani, 2010). Ganhou projeção no mercado global a partir da cobertura do 11 de setembro e da guerra do Afeganistão, bem como pela oferta do serviço em língua inglesa, a partir de 2006 (Seib, 2008; Reyaz, 2013). Em diversos momentos, o teor de algumas coberturas gerou restrições à operação da rede em vários países. O exemplo mais recente foi o pedido de fechamento da emissora constar entre as exigências para levantar o bloqueio contra o Catar (apresentado por países vizinhos, liderados pela Arábia Saudita, em 2017).

As tentativas de contenção por outros governos são indicativas de que há percepção de um papel político da cobertura realizada pela Al Jazeera. As razões de sua criação e manutenção dentro de um projeto de política externa podem ser compreendidas a partir da obra de Robert Cox, que considera capacidades materiais, instituições e ideias como elementos constituintes do poder (Cox; Sinclair, 1996).

Para discutir o uso da emissora como uma ferramenta da política externa do Catar, este artigo propõe analisar, com um método misto baseado na Análise de Discurso e Análise de Conteúdo, parte da cobertura sobre a Guerra da Síria, conflito no qual essa monarquia do Golfo Árabe tomou partido de um dos lados beligerantes. Este recorte, parte de uma pesquisa mais ampla, é composto por reportagens publicadas na versão em inglês do site da Al Jazeera (www.aljazeera.com) em três períodos distintos de uma semana, cujo critério de seleção é detalhado na seção metodológica deste artigo. A partir deste corpus, acompanhou-se a narrativa sobre a guerra, os aspectos ideológicos.

Antes, no entanto, apresentaremos na seção dois uma breve revisão da literatura sobre Comunicação nas Relações Internacionais e sobre a aplicação da Teoria Crítica, na qual este artigo se alicerça, para pensar sobre esta relação. Tal aporte teórico reconhece os aspectos ideológicos como elemento de poder e nos permite refletir sobre a criação da rede de TV Al Jaze-

1 Como outros exemplos deste tipo de iniciativa podemos citar a Telesur (da Venezuela, transmitindo em espanhol), o RT/Sputnik News (da Federação Russa, transmitindo diversos idiomas) e a Rádio Martí (dos Estados Unidos, transmitindo em espanhol, focada no público cubano).

era em seu momento histórico, sendo resultado das condições políticas e econômicas do Catar de então, inclusive suas relações exteriores. A seção três traz elementos para compreensão da mudança interna no Catar, com uma nova política externa e projeto de projeção internacional, no qual se insere a rede de televisão.

A seguir, na seção quatro, apresentamos uma breve revisão sobre a guerra na Síria, com ênfase nos posicionamentos do Catar diante do conflito, e sobre a cobertura jornalística deste acontecimento. Esta seção e a que lhe antecede são essenciais para o desenvolvimento da sessão quatro, dedicada à análise das notícias.

2 IDEIAS, CONSENSO E PODER

A Diplomacia Pública é definida por Snow (2009, p. 6) como conjunto de "esforços para informar, influenciar e engajar aqueles públicos em apoio a objetivos nacionais e políticas externas". O *broadcasting*, ou seja, a transmissão de notícias, como faz a Al Jazeera, é uma das ações direcionadas ao público de outros países que pode ser enquadrada desta forma. Melissen (2005), Leonard (2002) e Robinson (2005) mencionam diferentes exemplos de como a prática recebe atenção de governos em períodos de conflito, na tentativa de conquistar simpatia e apoio a suas posições políticas no exterior. O termo diplomacia pública foi criado para distanciar a prática do estigma negativo que o termo propaganda adquiriu, embora a linha que separa um e o outro seja bastante tênue (Cull; Culbert; Welch, 2003).

A comunicação realizada por empresas privadas e seu possível impacto na opinião pública, incluindo a estrangeira, também é tema de estudos, entre os quais destacamos os de Eytan Gilboa (2001, 2005), que considera as grandes emissoras de televisão como atores internacionais. Tendo como foco as coberturas da CNN (Cable News Network), pioneira da TV a cabo dedicada às notícias 24h por dia, Gilboa constatou que em alguns conflitos o jornalismo influenciou uma mudança de posição dos governos envolvidos, embora este não seja um padrão que se repita em todas as situações. Na revisão de seus estudos, ele e outros pesquisadores (Gilboa *et al.*, 2016) levantaram algumas limitações das pesquisas, como o foco em veículos de comunicação ocidentais, e recomendaram atenção ao impacto que a internet e as redes sociais estavam provocando no consumo de notícias. Philip Seib desenvolveu argumentação semelhante, o "Al Jazeera Effect", que ele define como "uso de novos meios de comunicação como ferramentas em todos os aspectos dos assuntos globais"[2] (Seib, 2008, p. x).

2 "use of new media as tools in every aspect of global affairs" no original. Tradução nossa.

Do ponto de vista teórico, predominam análises sobre comunicação nas Relações Internacionais embasadas no Soft Power, conceito desenvolvido por Joseph Nye. Porém, neste artigo as reflexões se apoiam numa abordagem distinta, que retoma aspectos da obra de Antonio Gramsci sobre hegemonia. Nye se inspirou nos escritos do marxista italiano, mas ao tentar separar coerção e cooptação, criou uma versão neutra da teoria, na qual o papel do consenso na manutenção do poder hegemônico não recebe a devida atenção (Hayden, 2011).

A proposta de Robert Cox (1993) retoma os conceitos de Gramsci, propondo sua aplicação nas Relações Internacionais dentro dos pressupostos da Teoria Crítica, considerando aspectos históricos e possibilidades de mudança. Em sua releitura da obra do pensador italiano, Cox destaca que para ser um poder hegemônico é preciso tornar ideias e valores consensuais, não bastando o domínio econômico e militar: o domínio de instituições econômicas e sociais é caminho para construção do consenso. O consenso é, segundo Craig Murphy (1998), o elemento que dá amparo à força, pois a posição hegemônica é legitimada por outros atores.

Nos Cadernos do Cárcere, Gramsci questiona se "é ainda possível no mundo moderno a hegemonia cultural de uma nação sobre outras?"(Gramsci, 1977, p. 1618). Cox elabora esta questão indicando que a hegemonia pode ser de uma ordem mundial, alicerçada em "valores e entendimentos sobre a natureza da ordem" e obtida quando "formas de fazer e pensar" são aceitas como o padrão (Cox; Sinclair, 1996). A ordem vigente é a liberal, que tem entre seus valores fundamentais os direitos humanos, o livre-comércio, a democracia e a aceitação da liderança norte-americana (Ikenberry, 2011). Também é citado como um valor desta ordem a obrigação de intervir em tragédias humanitárias (Duncombe; Dunne, 2018).

A partir da Teoria Crítica e mais especificamente das obras de Cox e Gramsci, podemos analisar os investimentos feitos por governos em veículos de comunicação como uma tentativa de exercer o poder no campo das ideias. A mídia, classificada como instituição por Gramsci, representa visões de mundo e ideologias, que só podem ser entendidas levando em conta sua origem. Em outras palavras, a origem, a propriedade e o financiamento dos meios de comunicação são parte das condições de produção que precisam ser consideradas ao analisar um discurso.

Os conceitos teóricos apresentados nos auxiliam a discutir porque a rede de notícias, que se apresenta sob os slogans "Reshaping Global Media" e "A Real Global Network"[3] (Al Jazeera, 2019), passou a ser combatida por autoridades de outros países, sobretudo em sua região de origem. Nosso argumento é que esta ação de governos, de apresentar sua versão de acontecimentos internacionais, pode ser (ou ser percebida como) uma tentativa de modificar as relações de poder existentes, desafiando o consenso em torno de temas de seu interesse. Ainda que Estados pequenos, como o Catar, não tenham todas as condições de atingirem uma

3 "Remodelando a mídia global" e "uma verdadeira rede global"

condição hegemônica, podem buscar melhorar sua posição dentro da ordem internacional. Nossa pesquisa indica que esta monarquia tem buscado tal inserção sem romper com a ordem vigente. A emissora de televisão é uma ferramenta para projetar uma imagem positiva e obter apoio junto à opinião pública estrangeira para posicionamentos defendidos pela política externa catari, valendo-se de alguns valores consensuais que dão suporte a esta ordem mundial, como os direitos humanos.

3 O CATAR E A CRIAÇÃO DA AL JAZEERA

Com apenas 11,6 km² e uma população que não chega a 3 milhões de habitantes, o Catar conseguiu em algumas décadas tornar-se um dos países de maior PIB per capita do mundo. Desde 1971, quando deixou de ser protetorado britânico, esta monarquia do Golfo Árabe é governada pela família Al Thani.

O principal momento de mudança ocorreu em 1995, quando Hamad bin Khalifa Al Thani depôs o pai e assumiu o governo. Em sua gestão, diversas políticas passaram por modificações: houve impulso na produção de gás, com busca de novos contratos, e algumas mudanças na política doméstica, como uma nova constituição e participação de mulheres em eleições municipais (El-Nawawy; Iskandar, 2004).

Talvez a mudança mais significativa tenha sido a reorientação da política externa, diante da constatação de que o país estava em posição frágil ao depender de países vizinhos maiores, em especial a Arabia Saudita, para garantir a própria segurança. Temendo sofrer uma invasão como a do Kuwait, em 1990, o Catar buscou diversificar suas parcerias e aumentar sua projeção internacional (Abu Sulaib, 2017). Diversas ações foram adotadas para atingir tal objetivo, como a realização de grandes eventos esportivos, parcerias no campo acadêmico e da pesquisa e o maior engajamento nos conflitos regionais como mediador, financiador e até interventor (Mansour, 2016; Al-Horr; Tok; Gagoshidze, 2019). O projeto do emir Hamad bin Khalifa Al Thani é coerente com demandas de modernização apresentadas por famílias da elite catari alguns anos antes e que não foram atendidas por seu pai (Bahry, 2001; Başkan, 2016).

Um novo consenso se formou em âmbito doméstico e o exercício do poder pela família Al Thani não sofreu maiores pressões internas[4]. Em 2013, Hamad bin Khalifa Al Thani passou o poder a um de seus filhos, Tamim Bin Hamad Al Thani, que tem seguido uma linha semelhante à do pai. A política externa catari, executada por alguns poucos membros da família real, tem entre suas prioridades a mediação de conflitos e a assistência humanitária (Görgülü, 2018;

4 O fato do país ser pequeno e ter uma população mais homogênea e com boas condições financeiras, o deixou menos suscetível a crises como as enfrentadas pelos países vizinhos. David Roberts (apud Abu Sulaib) relaciona a boa situação econômica vivenciada à baixa propensão da elite de se contrapor a este governo.

Government Communications Office, 2020) e se assenta na diversificação de ações e de atores internacionais com os quais interage (Al Horr *et al.*, 2016).

Entre as ações para projetar internacionalmente o Catar também está a criação da Al Jazeera, com transmissões em árabe desde 1995. Através dela, o emir buscava projetar a imagem do Catar como um país moderno (Bahry, 2001). O investimento milionário permitiu a entrada em um mercado até então dominado pelos sauditas e a conquista da audiência na região, ao oferecer programas com debates sobre temas locais, aos quais o público não estava acostumado (Touzani, 2010; Yaghi, 2017). Philip Seib (2008) interpreta que a emissora se tornou influente porque o público árabe viu suas frustrações e esperanças refletidas na programação e confiou na veracidade de seu conteúdo.

Para Aziz Douai (2016), o Catar utilizou a cobertura jornalística como uma forma de poder, para influenciar a política regional. A Al Jazeera sofreu acusações de possuir um viés político em diferentes ocasiões, sendo a cobertura da transição política no Egito a partir de 2011 um dos mais relevantes. A cobertura dos protestos na praça Tahir e da eleição de um integrante da Irmandade Muçulmana na primeira disputa presidencial no país em décadas resultou na prisão dos jornalistas da rede catari e restrições à atuação da empresa após a deposição do presidente eleito Mohamed Morsi. Em pesquisa na qual compara coberturas da Al Jazeera, CNN, BBC (British Broadcasting Company) e RT (Russia Today), Alex Robertson (2013) constatou que a emissora catari dedicou 20% do tempo de transmissão para cobrir a Primavera Árabe, televisionando a revolução egípcia de modo que o espectador sentisse estar na praça Tahir. Para Kabalan (2019), o Catar dominou o discurso sobre a revolução regional com apoio de principal veículo de comunicação.

Em 2017, o governo catari sofreu um bloqueio imposto por seus parceiros do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Bahrein, além do Egito. A lista de 13 exigências para levantar o bloqueio incluía o fechamento da Al Jazeera, sob alegação de que através dela o governo catari atacava a política dos vizinhos e promovia os protestos da Primavera Árabe. Além disso, era acusado pelos autores do bloqueio de fomentar grupos considerados terroristas, como a Irmandade Muçulmana, que alguns anos antes havia sido proscrita novamente pelo regime egípcio (Zafirov, 2017; Vohra, 2020; Kabbani, 2021).

Acusações de apoio a grupos extremistas, de antiamericanismo ou de antissemitismo também surgiram no meio político norte-americano, principalmente quando a cobertura dos desdobramentos do 11 de setembro e das guerras do Afeganistão e Iraque colocou a rede catari sob os holofotes (Lynch, 2005; Zayani, 2005; Reyaz, 2013). Karim Pourhamzavi e Philip Pherguson (2015) relatam as críticas de abordagem seletiva por parte da Al Jazeera ao cobrir acontecimentos na região: quanto à guerra na Síria, a análise feita pelos autores das notícias da Al Jazeera em árabe menciona a escolha de entrevistados para apoiar uma determinada linha de argumentação e acusações de que o governo sírio seria responsável pelo terrorismo

no país. Ainda segundo eles, a cobertura da Al Jazeera sobre a conjuntura no Egito e sobre a guerra na Síria acompanhou a mudança na política externa catari, que por sua vez refletiu anseios da elite catari em relação à política regional.

Desde 2006, a emissora mantém sua versão em inglês, cuja implementação permitiu chegar aos não falantes de árabe. A cobertura nos dois idiomas não é igual: a relação entre o noticiário e a política externa catari é menos clara na Al Jazeera English (Wright; Scott; Bunce, 2020). Ainda assim, a Al Jazeera sentiu pressão política ao tentar ingressar no mercado jornalístico norte-americano, com interferências que fizeram a gigante de mídia Comcast repensar a negociação para incluir a Al Jazeera entre os canais de uma das maiores redes de TV a Cabo dos EUA (Samuel-Azran; Hayat, 2017). Em 2017, a TV catari também foi pressionada por parlamentares norte-americanos a se declarar um agente estrangeiro, conforme previsto no *Foreign Agent Registration Act* (FARA), legislação criada em 1938, no início da II Guerra Mundial, para conter propaganda estrangeira.

4 CATAR E OUTROS ATORES NA GUERRA DA SÍRIA

Em 2011, movimentos pedindo mudanças políticas foram registrados em diversos países do Oriente Médio que eram governados há décadas por uma mesma figura ou grupo político. Foi o caso da Síria, onde a família Bashar Al Assad estava no poder desde os anos 1960, com Hafez Al Assad, sucedido no início dos anos 2000 por seu filho Bashar. Esta sucessão foi acompanhada da implementação de uma política econômica neoliberal, com privatizações que alteraram a "rede de proteção social e a divisão de poder entre comunidades" organizada durante o regime de Hafez Al Assad. Isto afetou principalmente os estratos mais desfavorecidos da comunidade sunita (Mahmoud; Rosiny, 2018, p. 5).

Aspectos econômicos e o complexo arranjo social, no qual o grupo alauíta é mais próximo do círculo do poder, embora seja minoritário, devem ser considerados para compreender o conflito. Foi justamente nas comunidades de maioria sunita, grupo que representa 70% da população, que os protestos iniciaram em 2011. Porém, uma parte dos sunitas manteve seu apoio ao governo (Akhtar; Nageen, 2019; Mazur, 2019). Até abril de 2011, os protestos eram considerados pacíficos, mas o exército passou a cercar os manifestantes e estes a reagir à repressão. Nos meses seguintes, havia grupos armados para proteger os opositores contra a repressão de agentes do regime e houve uma escalada de violência até o final do ano, com muitos soldados desertando das Forças Armadas Sírias (Mazur, 2019; Bramsen, 2020).

Em meados de 2011, o tenente-coronel Hussein Harmough formou o Free Officers Movement e o coronel Riyadh Al-Assad, o Free Syrian Army (FSA). A pesquisadora Isabel Bramsen (2020) computa a deserção como um possível fator para a militarização do conflito político,

assim como a disponibilidade de armas por outras fontes[5] e o fato da violência não ser algo novo para esta população. Além disso, o desejo de vingança e o medo de ser vítima das milícias pró-governo, a Shabiha, também foram apontados por sírios como razões para adotarem a luta armada para tentar derrubar o governo. Por outro lado, Ibrahim Zabad (2019) pondera que, apesar das deserções, boa parte do exército permaneceu fiel ao regime, o que impediu a imaginada rápida derrocada de Assad.

A possibilidade de uma Síria não governada por Assad agradava governos de outros países, como Estados Unidos, Arábia Saudita e Turquia, além do Catar. Em um dos primeiros comunicados feitos sobre o conflito, em 22 de abril de 2011, o governo Barack Obama afirmava que o povo sírio desejava liberdade e que "o presidente Assad e as autoridades sírias têm repetidamente rejeitado seus pedidos e escolhido o caminho da repressão"(The White House, 2011). Fatores geopolíticos explicam o envolvimento russo, que desde o início vetou resoluções que previam algum tipo de intervenção no território sírio. Além de preservar sua base naval em Tartous, a Federação Russa também desejava conter a influência ocidental e evitar uma intervenção aos moldes da adotada na Líbia, em que a OTAN foi autorizada a intervir militarmente (Karasik et al., 2018; Martini, 2020).

Emile Hokayem (2014) salienta os reflexos na Guerra da Síria da rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irã, que disputam a liderança regional. Quando a onda de protestos na Síria iniciou em 2011, os estados do Golfo imaginavam ser possível aproximar-se do regime Assad, oferecendo apoio político e recursos, e assim gradualmente distanciá-lo do Irã, o que não ocorreu. Aktar e Nageen (2019) complementam que a manutenção do status quo na Síria era do interesse do Irã, sendo um dos motivos para isso o fato de Bashar Al Assad suprir o Hezbollah e deste combater outra ameaça surgida em meio ao conflito: o Estado Islâmico.

O Catar acreditava que um novo governo sírio poderia lhe trazer ganhos políticos e foi o maior financiador dos opositores entre 2011 e 2013. Também forneceu suporte a grupos ligados à Irmandade Muçulmana, organização que a Arábia Saudita considera terrorista. Nos anos seguintes, mudou a política de financiamento devido à pressão internacional e aos efeitos na relação com a vizinha Arábia Saudita, mas cidadãos catari (assim como cidadãos sauditas) seguiram apoiando financeiramente os rebeldes (Baylouny; Mullins, 2018; Akhtar; Nageen, 2019).

As expectativas, principalmente ocidentais, sobre uma oposição considerada moderada ser capaz de derrubar o governo, não se concretizaram. Os grupos com maior apoio internacional no início do conflito eram a Coalisão Nacional Síria (SNC – Syrian National Coalition),

5 A autora menciona o contrabando e o hábito de possuir armas nas zonas rurais como elementos que facilitaram a adesão à oposição armada

formada no final de 2012, e o Exército Livre da Síria (FSA – Free Syrian Army). A oposição de caráter mais secular e moderado, na visão ocidental, foi perdendo espaço para grupos que apoiavam a formação de um governo de inspiração islâmica na Síria (Cockburn, 2015; Zabad, 2019).

Para Hokayem (2014), a divergência entre Catar e Arábia Saudita sobre quais grupos deveriam ser fortalecidos foi um fator que prejudicou a organização dos opositores[6]. Seja por este ou outros motivos, ela mostrou-se muito heterogênea e fragmentada, o que afetou também a tentativa de mediação de Kofi Annan, enviado especial da Liga Árabe e da ONU para a Síria, em 2012. Não foi possível obter um acordo pois os opositores acreditavam ser capazes de depor o presidente e este, contando com apoio russo, também confiava de que venceria o confronto. O sucessor de Annan, Lakdar Brahimi, percebeu esta fragilidade e adotou outra estratégia: buscar um consenso entre a Rússia e os Estados Unidos (Zartman; Hinnebusch, 2016). Para Pinar Apkinar (2016), as tentativas anteriores de mediação, por países e organizações da região, foram prejudicadas pelo fato de mediadores - Catar, Arábia Saudita e Turquia – terem interesses na questão.

Novos problemas foram sendo adicionados à equação síria ao longo dos anos: o uso de armas químicas, a partir de 2013, e a ascensão do Estado Islâmico, a partir de 2014. A proclamação de um califado em áreas do Iraque e da Síria alicerçou o grupo à condição de grande ameaça à segurança. Bashar Al Assad aproveitou a conjuntura para apresentar-se como um mal menor em comparação ao terrorismo. Foi sob alegação de combater o ISIS que a Rússia iniciou ataques aéreos dentro do território sírio em 2015, argumentação que não foi aceita por países que apoiavam os opositores, incluindo potências como Estados Unidos e Reino Unido (Grafov, 2019; Martini, 2019).

Embora tivessem um objetivo comum, derrotar o ISIS, Estados Unidos e Rússia não conseguiram formular um plano militar conjunto (Karasik. *et al.*, 2018). Dimitri Grafov (2019), salienta que a ação na Síria teve ganhos políticos para a Rússia, que conseguiu reafirmar sua relevância no sistema internacional ao garantir a permanência de um aliado no poder. Quanto às monarquias do Golfo, a única que se manteve envolvida politicamente com este conflito depois de 2017 foi a do Catar, e as avaliações apontam um saldo negativo, com perdas para a imagem do país, deterioração das relações com Assad e insucesso em levar a oposição ao poder (Phillips, 2017; Görgülü, 2018).

Cobrir a guerra na Síria foi uma tarefa perigosa para os correspondentes estrangeiros e jornalistas locais, com 139 profissionais mortos em 10 anos de confronto (CPJ, 2022). As restrições ao trabalho jornalístico, incluindo a suspensão de vistos de jornalistas estrangeiros (Sala-

6 Emile Hokayem salienta que grupos salafistas cuja liderança tinha algum vínculo com a Al Qaeda receberam recursos de pessoas físicas, mas pouco do governo saudita.

ma, 2012), fizeram veículos de comunicação e agências de notícias recorrerem ao "jornalismo cidadão" – em que a obtenção de informações é feita por pessoas comuns e não profissionais – para abastecer seus noticiários (Al-Ghazzi, 2014). A Al Jazeera utilizou em grande quantidade material vindo de ativistas para realizar sua cobertura sobre a Síria (Barkho, 2021) e Salama (2012) destaca um caso em que o trabalho junto à Al Jazeera foi considerado crime de traição pelo governo sírio, com a condenação do ativista à morte, além de situações em que jornalistas da emissora foram presos e deportados.

Estudos acadêmicos sobre a cobertura realizada pela Al Jazeera na Síria apontam similaridades com o noticiário produzido pela mídia norte-americana e europeia. Satti (2015) encontrou um enquadramento bastante semelhante nas notícias sobre o Estado Islâmico veiculadas pela Al Jazeera e pela BBC. Jurkowitz, Mitchell e Matsa (2013) identificaram nas notícias da emissora catari a defesa de que os EUA deveriam se envolver na guerra, mesmo argumento encontrado na cobertura realizada por CNN, MSNBC (News Broadcasting Company, em fusão com a Microsoft) e Fox News. Outro achado significativo deste estudo é que a Al Jazeera utilizou mais do que essas emissoras norte-americanas fontes ligadas ao governo dos EUA em suas reportagens.

Em sua análise sobre cobertura deste conflito, Babel Hajjar (2016) posicionou a Al Jazeera no grupo de veículos de comunicação que denominou de "fluxo dominante", junto com grandes empresas da mídia ocidental, que abordaram a guerra sob "certa moral Ocidental, representada pelo liberalismo e Direitos Humanos" (Hajjar, 2016, p. 153). Este autor aponta que a emissora catari tratou com ceticismo as explicações apresentadas pelo governo sírio em diversas ocasiões, assim como faziam jornais e TVs do norte global.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O corpus analisado foi retirado da versão em inglês do site da Al Jazeera, com auxílio de um site que arquiva páginas da internet, o *Wayback Machine*. Desta forma, foi possível recuperar quase integralmente as reportagens sobre Guerra da Síria publicadas nas três semanas selecionadas. O primeiro período escolhido é a semana de 12 a 18 de junho de 2012, quando representantes da ONU se manifestaram pela primeira vez sobre o caso ser uma guerra civil. O segundo, de 28 de setembro a 4 de outubro de 2015, abarcando a semana em que ocorreu a abertura da 70ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, e na qual a Rússia deu início a bombardeios aéreos em território sírio. O último período é de 4 a 10 de abril de 2017, semana em que houve um ataque químico, com uma ação de retaliação contra a Síria por parte dos Estados Unidos.

A análise considerou os elementos textuais (manchete e texto) e também imagens, quando reportagem em vídeo ou fotografias complementaram o texto. Estes elementos, analisados

em conjunto, podem revelar outros sentidos aos enunciados. As declarações de entrevistados transcritas nos textos ou apresentadas em vídeos também são consideradas elemento a analisar, pois o trabalho de edição e escolha do que destacar ou suprimir também pode evidenciar posicionamentos e preferências. Os textos de opinião não foram incluídos na amostra.

O corpus, disponível em anexo ao fim deste artigo, foi catalogado usando as iniciais AJ, seguidas de número referente ao dia de publicação (1º dia, AJ1; 2º dia, AJ2...). Havendo mais de uma reportagem publicada no mesmo dia, a numeração foi complementada com uma letra (AJ1b, AJ1c...). Para diferenciar os três períodos analisados, os textos referentes a 2015 e 2017 foram catalogados da mesma forma, porém precedidos do número 5 ou 7 para indicar o ano (AJ1, 5AJ3, 7AJ2b...).

O software Nvivo foi usado como ferramenta de apoio à análise, para organizar o material e facilitar a localização de termos e expressões. No entanto, o trabalho de identificação das sequências discursivas foi predominantemente manual, a partir de repetidas leituras dos textos. Esta escolha permite uma melhor compreensão do contexto e das construções linguísticas escolhidas na cobertura jornalística.

Adotou-se um método misto, combinando a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, proposta por Michael Pechêux, com a Análise de Conteúdo. Em busca de um método próprio para pensar as Ciências Humanas, ele imaginou uma forma de escuta social, baseada na História, na Linguística e na Psicanálise. Compreende, portanto, a língua como não transparente e o discurso como algo permeado pela ideologia. Os aspectos ideológicos são revelados nos atos falhos, nas repetições (excessos) e nas ausências (falta) no discurso analisado, que não é uma construção individual, mas expressão de já-ditos: ideias em circulação antes da criação de um enunciado (Laggazi, 2015; Orlandi, 2011). Já a Análise de Conteúdo nos permite organizar o material em categorias, que são estabelecidas a partir da leitura preliminar da amostra. Com esta sistematização, foi possível quantificar alguns dos aspectos observados, mesmo se tratando de pesquisa de cunho qualitativo.

6 A COBERTURA DO CONFLITO

As escolhas linguísticas para expressar uma mesma ideia também sãorelevantes. Diante disso, trazemos primeiramente as nuvens de palavras do corpus referente a cada período analisado, para demonstrar graficamente a evolução da cobertura:

Figura 1 - nuvem de palavras junho de 2012



Fonte: dados da pesquisa

Figura 2 - nuvem de palavras setembro de 2015



Fonte: dados da pesquisa

Figura 3 - nuvem de palavras abril de 2017



Fonte: dados da pesquisa

Pelos gráficos, se observa como a temática modificou em cada fase. No primeiro momento, "Syria" e "sirian" estão entre as palavras mais frequentes, mas na parte do corpus referente à 2015, os termos "Russia/russian", "Putin" e "Obama" também circundam o termo "Syria", assim como "ISIL", uma das siglas pelas quais o Estado Islâmico é identificado. No corpus referente à 2017, o foco concentra-se em palavras relativas à denúncia de ataque com armas químicas, mas as palavras "Trump" e "Assad" também foram bastante frequentes.

O corpus referente à 2015 foi aquele em que o nome "Assad" mais se destacou, embora o presidente sírio não tenha sido ouvido como fonte das reportagens, neste e nos outros dois períodos analisados. O termo é usado para nomear seu governo, mas suas falas não são transcritas como as de outros líderes internacionais: ele não é tratado como parte legítima a se manifestar sobre o que ocorre no próprio país.

As dificuldades de uma cobertura em região de conflito e mais especificamente as restrições impostas à Al Jazeera, percebida como pró-oposição pelo governo sírio, explicam apenas em parte esta ausência. Diversas fontes de oposição, creditadas geralmente como "ativistas" e muitas vezes sem terem seu nome revelado, foram bastante frequentes nas matérias jornalís-

ticas analisadas: elas afirmam, acusam, relatam... são parte da ação e recebem mais destaque que o governo. As passagens nas quais se atribuía atos de violência a ambos os lados, observadas nos primeiros textos, ficaram mais escassas ao longo da cobertura, evidenciando um viés mais alinhado com a política externa catari.

Estas escolhas editoriais, desde a seleção das fontes até a construção dos enunciados no texto, estão permeadas por posicionamentos ideológicos. No corpus analisado, a Al Jazeera, originária da região do Golfo, deu voz muito mais vezes a políticos de países no norte global, sobretudo norte-americanos, e a seus porta-vozes do que a lideranças políticas regionais, como a aliada Turquia e a Arábia Saudita.

Nas páginas seguintes, selecionamos algumas sequências discursivas que merecem atenção para compreender como a Al Jazeera retratou a Guerra da Síria. Alguns posicionamentos ficam evidentes em maior ou menor grau nos três períodos analisados:

1. Intensificação do conflito

Na primeira parte do corpus, a busca por uma saída para o conflito e as tentativas de explicá-lo ou defini-lo estavam entre os temas mais recorrentes na cobertura jornalística. A Al Jazeera tratou a guerra como algo que estava se intensificando e a missão de paz proposta pela ONU e Liga Árabe, como algo fracassando, como se observa nestes trechos:

Quadro 1 – Sequências sobre intensificação do conflito

matéria	tradução do enunciado
AJ1b	A violência na Síria aumentou nas últimas semanas, quando ambos os lados ignoraram um plano de paz elaborado pelo enviado da Liga Árabe da ONU, Kofi Annan.
AJ3	O conflito na Síria certamente parece estar ficando mais brutal – e não apenas em um lado", alertou o diplomata
AJ5	O governo manteve uma ofensiva feroz em áreas rebeldes no país na sexta-feira em uma das mais sérias escaladas na violência desde que Annan intermediou a trégua (...) Tropas sírias estão varrendo vilarejos e cidades nas províncias do norte, centro, sul e litoral da Síria nesta semana.
AJ6	A suspensão de sábado sinaliza um grande revés para o plano de Annan, já que o conflito que começou em março de 2011 com protestos pacíficos desafiando o regime se aproxima de uma guerra civil total.

Fonte: textos da Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

A emissora catari usa enunciados como "a violência na Síria aumentou", "intenso bombardeio"[7], "uma grande escalada do confronto militar" e "tropas sírias tem varrido vilarejos". Na reportagem do dia 16 de junho de 2012, a Al Jazeera noticia que "a única parte funcional do plano internacional de paz"[8], a missão de observação, estava "saindo dos trilhos" e que os comentários de uma das fontes ouvidas eram o "claro sinal" de que o plano implementado por Kofi Annan "está se desintegrando"[9].

O veículo de comunicação catari tratou da classificação do conflito sírio como guerra civil principalmente a partir de declarações de um representante da ONU, em 12 de junho, noticiadas com bastante ênfase pela mídia na época. Segundo a manchete da Al Jazeera, a fonte (o representante da ONU, Herve Ladsous) afirma que o país está em guerra civil, mas isto não se sustenta no texto de forma tão categórica: nas linhas seguintes, a declaração desta mesma fonte é "Yes, I think we can say that" (sim, eu acho que podemos dizer isso), em resposta a questionamentos feitos por repórteres.

No primeiro e segundo dias deste período analisado, os textos da Al Jazeera usam a expressão "guerra civil de larga escala". No terceiro, que o conflito "agora parece uma guerra civil". Destaca-se ainda que em duas notícias (AJ2 e AJ3), publicadas nos dias 13 e 14 de junho, a rede de TV catari reproduz, com aspas, a posição do governo sírio, obtida através da agência de notícias estatal síria SANA: "O que está acontecendo na Síria é uma guerra contra grupos rmados que escolheram o terrorismo"[10].

Diante do debate sobre a natureza do conflito, esperava-se que o termo guerra civil estivesse presente tanto na parte inicial quanto nos outros dois períodos analisados, o que se mostrou apenas em parte verdadeiro. Nas reportagens de 2015, a expressão "guerra civil" e suas variações são usadas diversas vezes: "guerra intratável"intractable war", "humanitarian disaster unfolding", "multi-faceted war"[11]. Porém, nem todos os textos da Al Jazeera dizem o que o conflito é: passada a discussão inicial sobre sua natureza, o relato dos acontecimentos, o combate ao Estado Islâmico e as discussões sobre estratégias políticas e militares ganharam primazia.

7 "Violence in Syria has spiked", "neighbourhoods were under intense shelling", "a huge upscaling of the military confrontation"- Matéria AJ1b

8 "(...) a spike in violence is derailing the mission, which is the only functioning part of an international peace plan (...)"

9 Mood's comments were the clearest sign yet that a peace plan brokered by international envoy Kofi Annan two months ago is disintegrating.

10 "What is happening in Syria is a war against armed groups that choose terrorism" no original. Tradução nossa.

11 "guerra intratável", "desastre humanitário se desdobrando" e "guerra multifacetada". Tradução nossa.

Uma das reportagens publicadas no site da Al Jazeera em quatro de abril de 2017, *Syria's 'moderate rebels' to form a new alliance*[12], traz algo ainda mais peculiar: em um universo de mais de 800 palavras, "guerra" é uma expressão ausente. O texto apresenta as divergências entre os diferentes envolvidos (a coalisão internacional, o *Free Syrian Army*, outros grupos de oposição a Assad...) e trata de aspectos pontuais do conflito sem classificar no todo o que ele é.

A incerteza implícita no discurso é compreensível, pois o curso dos acontecimentos também se distanciou do que era esperado pelos atores envolvidos. Como mencionado no subcapítulo anterior, diversas lideranças políticas acreditavam em um processo rápido de mudança de regime. Foi o que fez as monarquias do Golfo Árabe considerarem possível manejar os grupos radicais, de acordo com Emile Hokayem (2014).

Isto significou também adequar o discurso político ao interesse ou não de atuar diante do novo quadro, já que certas classificações trariam a intervenção (e todos seus custos econômicos e políticos) como algo imperativo. O Catar, pequeno estado que não conta com grandes capacidades militares, criou, segundo Phillips (2017), uma agenda sobre a Síria e contraditoriamente esperava uma ação norte-americana para concluí-la.

2. Terrorismo como justificativa

Desde o início do conflito, o governo sírio adjetiva grupos de oposição como terroristas, um argumento retratado na cobertura da Al Jazeera, como mostrado no segmento anterior. No corpus referente a junho de 2012, as menções a terrorismo se concentram basicamente na reprodução de manifestações de autoridades sírias.

Na análise da segunda e da terceira parte do corpus, composto por matérias de 2015 e 2017, o terrorismo é um aspecto de maior relevância a ser analisado, devido à ascensão do Estado Islâmico, que a partir de 2014 conseguiu dominar áreas na Síria e no Iraque. Nos primeiros anos de guerra, o discurso de lideranças dos Estados Unidos e Reino Unido evitava abordar terrorismo na Síria, uma classificação que exigiria que defendessem uma intervenção, considerando que a guerra ao terror é parte da política de segurança destes Estados (Martini, 2019).

O combate ao terrorismo estava presente no discurso de várias lideranças mundiais, mas assumindo múltiplos significados. Ao se pronunciar na abertura da 69ª Assembleia Geral da ONU, em 2014, o emir Tamim bin Hamad Al Thani, pela segunda vez[13] dedicou boa parte de sua fala para abordar a situação da Síria, mas acrescentou algo novo:

12 "Rebeldes moderados da Síria formam uma nova aliança". Tradução nossa.

13 Tamim bin Hamad Al Thani assumiu o poder em 2013 e discursou na ONU pela primeira vez na Assembleia Geral daquele ano, incluindo a Síria entre os temas de interesse de seu discurso.

> Já havíamos alertado que a continuação da política de terrorismo, genocídio e deslocamento do regime e a falência em dar apoio à revolução síria, quando ela ainda era uma revolução civil demandando liberdade e dignidade, levaria muitos sírios a optar pela autodefesa.[14]

O vínculo entre o governo sírio e o terrorismo está presente também no discurso do governante catari na sessão seguinte da Assembleia Geral, em 2015, em que ele acusa o governo sírio de deturpar o conceito de terrorismo para criminalizar "manifestações pacíficas".

No período analisado, a cobertura da Al Jazeera faz poucas referências às posições do governo catari a respeito da guerra, em geral, e do terrorismo, em específico. Abaixo, temos alguns exemplos de menções nas matérias jornalísticas que merecem nossa análise dentro desta temática:

Quadro 2 – Sequências sobre terrorismo

matéria	Tradução do enunciado
5AJ1	O embaraço mais recente dessa saga veio na manhã do discurso de Obama na ONU, quando oficiais da Defesa confirmaram que um comandante da primeira brigada treinada pelos EUA a ser liberada na Síria entregou armas americanas à franquia da Al-Qaeda na Síria, Jabhat Al-Nusra (a Frente Nusra).
5AJ3	O ISIS controla partes da província de Homs, incluindo a cidade histórica de Palmyra. Homs também tem cargos administrados pela afiliada da Al-Qaeda na Síria, conhecida como Frente Nusra. Ambos os grupos têm combatentes da antiga União Soviética, incluindo chechenos.
5AJ6	Maarat al-Numaan, na província de Idlib, no norte da Síria, não é conhecida como base do EIIL. A maioria dos combatentes na área é da Frente Nusra, ligada à Al Qaeda, e de outros grupos insurgentes, de acordo com o grupo de monitoramento Observatório Sírio para os Direitos Humanos.
7AJ1b	Ele negou relatos da mídia de que seu objetivo seria atacar Hay'etTahrir al-Sham, uma aliança salafista dominada por Jabhat Fatah al-Sham (JFS, anteriormente conhecido como Al-Nusra Front), que renunciou formalmente a sua filiação à Al-Qaeda em 2016.
7AJ2 7AJ2b	A Rússia, aliada do presidente sírio Bashar al-Assad, disse na quarta-feira que uma aeronave síria realizou uma incursão, mas os produtos químicos faziam parte de um estoque "terrorista" de "substâncias tóxicas" que havia sido atingido no solo.

Fonte: textos da Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

14 "We have already warned that the continuation of the regime's policy of terrorism, genocide and displacement, and the failure to provide support to the Syrian revolution, when it was still a civilian revolution demanding freedom and dignity, would push many Syrians to opt for self-defence" no original. Tradução nossa.

Na amostra referente a 2015, o tema terrorismo foi bastante mobilizado nas notícias devido à ascensão do Estado Islâmico e à decisão russa de realizar ataques aéreos dentro da Síria, sob a justificativa de que esta era uma ação contra alvos do EI. Percebe-se que há uma tentativa de diferenciar o ISIS (Estado Islâmico) de grupos opositores. A informação de que dominam regiões diferentes do território é apresentada no texto como indício de que as acusações sobre a Rússia estar atacando a oposição (e não terroristas, como alegava) seriam verdadeiras.

Está ausente nos textos a menção ao Catar ou a seus nacionais como financiadores da Frente Al-Nusra. Porém o "embaraço" pelo fornecimento de armas ao grupo é lembrado e creditado ao governo Obama e a reportagem 5AJ3 coloca a antiga União Soviética como origem de parte dos integrantes do ISIS e da Al Qaeda na região. Na narrativa sobre terrorismo, o problema é sempre associado a outros atores, que não o Catar. Segundo Zainab Abdul-Nabi (2017), entre as orientações que jornalistas da Al Jazeera receberam quanto à cobertura da guerra, estava a de omitir suspeitas de envolvimento da Frente Al-Nusra em alguns ataques, assim como o apoio catari ao grupo. Esta última recomendação, ao menos, é perceptível no corpus.

Na amostra referente à 2017, a cobertura da Al Jazeera ressalta que a Frente "renunciou formalmente" à sua ligação com a Al Qaeda, o que reforça a preocupação em validá-la como não-terrorista e assim, legitimá-la como parte beligerante. Este tipo de narrativa é coerente com a forma como o emir do Catar tratou a questão em sucessivas manifestações envolvendo a Síria e outros conflitos na região: apontando que alguns grupos distorciam a fé islâmica e outros defendiam de forma legítima um posicionamento.

3. Os argumentos humanitários

Uma presença constante na cobertura é o discurso humanitário, o que se observa em dois níveis. O primeiro, na escolha de pautas, ao noticiar o trabalho da ONU e de organizações não governamentais. Apenas uma das nove matérias sobre Síria publicadas no site entre 12 e 18 de junho de 2012 não tinha como ponto de partida as ações destas instituições. O segundo, nas frequentes menções ao sofrimento da população civil:

Quadro 3 – Sequências sobre argumentos humanitários referentes a 2012

matéria	Tradução do enunciado
AJ1	Abo al-Barra, um médico em Homs, disse à Al Jazeera que havia civis feridos necessitando evacuação. "Eles estão gravemente feridos" ele disse. "As mulheres estão seriamente feridas, são ferimentos graves."
AJ1b	A missão da ONU também expressou preocupação sobre a situação na cidade de Homs, dizendo que recebeu relatos de "um grande número de civis, incluindo mulheres e crianças encurraladas dentro da cidade e estão tentando mediar sua evacuação".

contínua

CC BY NC SA

AJ3	O grupo de Direitos Humanos baseado em Londres clamou por uma resposta internacional na quarta-feira, depois de afirmar que tinha novas evidências de que vítimas, incluindo crianças, tinham sido arrancadas de suas casas e mortas a tiros por soldados (...)
AJ5	O grupo baseado em Nova York disse ter entrevistado dez ex-detentos, incluindo duas mulheres, que descreveram ter sido abusadas sexualmente ou terem testemunhado tais abusos na detenção.
AJ6 AJ6b	"A falta de vontade das partes de procurar uma transição pacífica e o impulso de avançar posições militares está aumentando as perdas em ambos os lados: civis inocentes, homens, mulheres e crianças estão sendo mortos todos os dias", dizia sua declaração.
AJ6b	O Obs. Sírio de Direitos Humanos instou a ONU a intervir e evacuar mais de mil famílias de Homs, incluindo mulheres e crianças. Ele diz que suas vidas estão em perigo.

Fonte: textos da Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

Nestes enunciados, as denúncias são reforçadas ao evocar a imagem daqueles que tradicionalmente não compõem batalhões de guerra, mobilizando significados de fragilidade, necessidade de proteção e inocência atribuídos à mulher e à criança. Nas reportagens em vídeo disponibilizadas juntamente com os textos, também são mostradas diversas imagens de mulheres, e principalmente de crianças, em meio+ aos destroços de cidades bombardeadas. Em um vídeo publicado no dia 17 de junho de 2012 pela Al Jazeera, a última imagem mostrada é de uma mãe carregando o bebê morto.

Na parte do corpus referente a 2015, a ênfase às vítimas mais frágeis está presente em algumas notícias que tratam sobre os ataques aéreos russos em território sírio:

Quadro 4 – Sequências sobre argumentos humanitários referentes a corpus de 2015

matéria	**Tradução do Enunciado**
5AJ5	No subúrbio de Habeet, em Hama, um ataque aéreo por volta das 20h30, horário local, matou três civis, incluindo uma menina de 5 anos, e feriu outras 12 pessoas, segundo o ativista da oposição Hadi al-Abdullah (...) Na região de Jabal al-Zawya, em Idlib, duas crianças estavam entre pelo menos sete civis mortos em supostos ataques aéreos russos, segundo o Observatório Sírio para os Direitos Humanos.
5AJ6	Equipes de resgate em áreas controladas pela oposição no oeste da Síria dizem que os ataques russos mataram pelo menos várias dezenas de civis, incluindo crianças.

Fonte: textos d a Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

Como boa parte da pauta da semana de 28 de setembro a 4 de outubro de 2015 focou em negociações políticas, imagens retratando enfrentamentos entre os beligerantes praticamente não foram usadas e as referências a vítimas foram menos frequentes em comparação com a amostra de 2012. Porém, a morte de crianças foi destacada nos textos escritos por jornalistas da Al Jazeera, como nos trechos acima. Este destaque ao sofrimento infantil foi ainda mais contundente nas reportagens de abril de 2017:

Quadro 5 – Sequências sobre argumentos humanitários referentes a corpus de 2017

matéria	Tradução do enunciado
7AJ1	Pelo menos 58 pessoas, incluindo onze crianças, foram mortas em um bombardeio com "gás tóxico" em uma cidade síria controlada por rebeldes, disseram médicos e um monitor, em um ataque que a ONU rapidamente disse que investigaria como um possível crime de guerra. (...) Alan Fisher, da Al Jazeera, reportando de Beirute, disse que os moradores locais esperam que o número de mortos aumente e que muitos dos feridos sejam crianças.
7AJ2	O Observatório Sírio para os Direitos Humanos (SOHR), organização de monitoramento com base no Reino Unido, estimou na quarta-feira o número de mortos em 99 pessoas, incluindo 37 crianças. A Sociedade Médica Americana da Síria (SAMS), que administra vários hospitais de campanha em Idlib, havia dito anteriormente que pelo menos 72 pessoas, incluindo onze crianças, foram mortas no ataque.
7AJ2b	A ONU vai investigar possíveis crimes de guerra depois que dezenas, incluindo crianças, morrem na cidade controlada por rebeldes da província de Idlib. Pelo menos 72 pessoas, incluindo 11 crianças, foram mortas em Khan Sheikhoun na terça-feira, de acordo com a Sociedade Médica Americana da Síria (SAMS), que administra vários hospitais de campanha na área. Mais de 550 pessoas ficaram feridas.
7AJ3	O ataque com gás venenoso na cidade rebelde de Khan Sheikhoun, na província de Idlib, matou pelo menos 86 pessoas, incluindo 27 crianças, de acordo com o Observatório Sírio para os Direitos Humanos, com sede no Reino Unido.
7AJ3b	O ataque do governo à província de Idlib continuou, disse um grupo de monitoramento na quinta-feira, com ataques aéreos matando pelo menos 27 pessoas – incluindo 13 crianças – na cidade rebelde de Salqin na quarta-feira. (...) Em outros lugares da Síria, o Observatório disse que ataques aéreos do governo mataram pelo menos 18 pessoas, incluindo nove crianças, na cidade de Saqba, nos subúrbios de Damasco, na quarta-feira.
7AJ4	Pelo menos 86 pessoas, incluindo 27 crianças, foram mortas após um suposto ataque com gás venenoso em Khan Sheikhoun na terça-feira, de acordo com o Observatório Sírio para os Direitos Humanos, com sede no Reino Unido.

Fonte: textos da Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

Há dois aspectos a destacar nos enunciados selecionados nos três momentos analisados. O primeiro é a validação da denúncia usando organizações não governamentais ou internacionais como origem da afirmação sobre a quantidade de vítimas ou as circunstâncias dos ataques. O segundo é o recorte que é feito para destacar as vítimas mais jovens, o que se caracteriza na AD como excesso: mesmo que não sejam maioria entre os mortos, as crianças são colocadas em evidência em todos os trechos citados no quadro acima.

Nas imagens do "suposto ataque químico"[15], do dia 4 de abril, a imagem de crianças é uma das mais frequentes e matérias da Al Jazeera foram ilustradas com vídeos feitos por centros de mídia independentes, que retratam pessoas sendo socorridas, incluindo crianças em idade pré-escolar. O espectador é alertado no início das reportagens de que o conteúdo pode ser chocante. Imagens das crianças sendo socorridas continuaram sendo exibidas em vídeos que acompanhavam publicações feitas nos dias seguintes.

Essa forma de cobrir a guerra na Síria é consistente com o que apontam Zhang e Luther (2020) sobre a tentativa de aproximar o espectador ocidental deste sofrimento de quem está distante, na expectativa de que isso possa levar a alguma ação, o que também se alinha com valores da ordem liberal (o dever de agir diante de graves violações de Direitos Humanos). Nestas narrativas, a figura da criança recebe várias vezes destaque, evocando também um significado simbólico de inocência, daquele que não pode ser considerado parte beligerante. Ao mostrar repetidas vezes o sofrimento de segmentos específicos da sociedade, que evocam o sentido de inocência, a cobertura salienta o conflito como algo fora das regras, um significado que é mobilizado também para responsabilizar uma das partes, no caso o governo, pela tragédia.

4. A linha vermelha das armas químicas e o dever de intervir

O comparativo evocado pela Al Jazeera para falar sobre as acusações de uso de armas químicas em abril de 2017 foi o caso de Ghouta[16], periferia da capital Damasco, palco de um ataque deste tipo em agosto de 2013. A cobertura de abril de 2017 retoma o caso antigo para cobrar do governo norte-americano alguma ação contra Bashar Al Assad. Nos anos iniciais do conflito, o então presidente Barack Obama afirmou que não pretendia enviar tropas ao território sírio, mas que o uso de armas químicas não seria tolerado, sendo "a linha vermelha que não

15 Os próprios veículos de comunicação trataram o caso desta forma, uma vez que não havia repórteres no local no momento do incidente e que as primeiras matérias foram feitas exclusivamente com relatos da população vitimada, antes que houvesse algum tipo de investigação sobre o ocorrido.

16 Dezesseis denúncias foram apresentadas ao CSNU por França, Catar, Reino Unido, Estados Unidos, Arábia Saudita e também pela Síria e aquelas que pareciam mais verossímeis foram investigadas. Houve acusações de uso de armas químicas por forças do governo e também rebeldes.

devia ser ultrapassada". Esta postura de não intervir gerou críticas, inclusive de seu adversário político Donald Trump, que três anos depois seria eleito presidente dos Estados Unidos.

Diante de uma nova suspeita de uso de armas químicas em 2017, as notícias trazem este histórico e as possíveis medidas contra Assad:

Quadro 6 – Sequências sobre armas químicas

matéria	Tradução do enunciado
7AJ3	O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sugeriu uma possível ação militar contra o presidente sírio Bashar al-Assad enquanto seu governo considera opções retaliatórias depois que um ataque com armas químicas matou mais de 80 pessoas. "Acho que o que aconteceu na Síria é uma vergonha para a humanidade e ele está lá, e acho que está comandando as coisas, então algo deve acontecer", disse Trump a repórteres no Força Aérea Um (...)
7AJ3e	Apenas alguns dias antes, vários membros do governo de Trump haviam dito que a deposição de Assad não era mais uma prioridade dos EUA, provocando indignação de críticos de Assad nos Estados Unidos e no exterior. Mas Trump disse que o ataque de terça-feira "teve um grande impacto em mim – grande impacto". "Minha atitude em relação à Síria e Assad mudou muito", disse ele, mas se recusou a telegrafar qualquer possível retaliação militar dos EUA.
7AJ4b	Ainda não está claro se a Rússia ou os outros quatro membros permanentes do conselho apoiariam o compromisso apresentado enquanto os Estados Unidos avaliavam as opções militares na Síria.
7AJ5	Marwan Bishara, analista político sênior da Al Jazeera, questionou se a barragem de mísseis era simplesmente bravata ou parte de um plano estratégico maior.
7AJ6	Como lembramos das presidências de Reagan, Clinton, Bush e Obama, um ataque rápido e direcionado contra um alvo infeliz em alguma terra distante é uma ótima maneira de consolidar o apoio, silenciar a dissidência, estimular o patriotismo e reunir políticos de todos os matizes.

Fonte: textos da Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

Neste conjunto de enunciados, o agir é tratado como sinônimo de ação militar. Nos dias que se seguem ao ataque americano a uma base militar síria, o debate envolve a natureza desta ação: pontual ou sistemática, representando uma mudança na política norte americana? Neste momento, quem é tratado como capaz de oferecer alguma resposta ao ataque químico é os Estados Unidos, mais do que qualquer outra potência.

Um dos textos que mais se diferencia dentro deste corpus de notícias publicadas pelo site da Al Jazeera em abril de 2017 é a análise assinada por Samer Abboud (7AJ6). Foi o único, dentro da amostra, que mencionou uma ação na qual a morte de civis sírios é atribuída a forças dos Estados Unidos: "Em março, forças dos EUA atacaram áreas civis em torno de Raqqa,

incluindo uma escola e uma mesquita, matando dezenas de civis"[17]. Em geral, as menções às mortes de civis na cobertura da Al Jazeera são atribuídas à ação do governo sírio (nos três períodos analisados) ou da Rússia (na cobertura de 2015 e 2017).

5. Guerra civil x guerra de potências

Conforme o tempo de conflito avançou, a cobertura analisada parece naturalizar cada vez mais a atuação de potências estrangeiras. No corpus referente a 2015, já fica evidente que o conflito era tratado desta forma.

Deve-se ponderar que o período selecionado em 2015 inicia com a data da 65ª Assembleia Geral da ONU e que retratar o encontro dos presidentes Barack Obama e Vladimir Putin é coerente com os critérios de noticiabilidade. Entretanto, a análise revela que Estados Unidos, Rússia e em alguns momentos países europeus ganharam mais destaque que a Síria, palco do conflito.

Quadro 7– Sequências sobre atuação de potências no conflito

matéria	Tradução do enunciado
5AJ1c	Obama rejeitou o apoio contínuo de Putin a Assad, (...). Putin, enquanto isso, zombou dos esforços dos EUA para acabar com a guerra na Síria, que levou uma onda de refugiados aos estados vizinhos e à Europa.
5AJ1d	Os comentários do presidente dos EUA ressaltam as tensões entre os EUA e a Rússia (...) O Irã se acumulou atrás da Rússia, mas os líderes ocidentais permaneceram inflexíveis que Assad deveria renunciar e Obama o classificou como um tirano assassino de crianças cujas ações alimentaram a ascensão do Estado Islâmico.
5AJ2	Ambos os líderes concordam com a necessidade de derrotar o Estado Islâmico, mas Putin diz que isso deve ser alcançado apoiando o aliado de longa data de Moscou na região, Assad.
5AJ4b	Mas enquanto a Rússia pode ter superado os EUA, os apoiadores mais robustos dos rebeldes - os estados árabes do Golfo e a Turquia - são menos propensos a ficar parados enquanto Moscou tenta reverter os efeitos de seus cinco anos de investimento político e financeiro para derrubar Assad, que também é cliente do rival regional Irã.

Fonte: textos da Al Jazeera que compõem o corpus da pesquisa

17 "In late March, US forces attacked civilian areas around Raqqa, including a schooland, a mosque, killing dozens of civilians" no original. Tradução nossa.

Vemos as grandes potências em excesso no texto, como nos quatro trechos acima. Em praticamente todos eles, o foco central é o que Rússia e Estados Unidos pensam sobre e fazem na Síria, e os textos falam em "tensão" entre estes países (5AJ1d). Com uma frequência um pouco menor, são destacados posicionamentos de países europeus, principalmente a França, e de potências regionais, como os países do Golfo, que são referidos em seu conjunto. A Al Jazeera não individualiza ações do Catar ou o destaca como parte do CCG e podemos considerar que no corpus como um todo ele esteve ausente.

O mais significativo é que este excesso ocorre em simultâneo com a falta de indivíduos e instituições sírias nos textos deste período. Não só as potências trataram o conflito como uma guerra que lhes pertencia, como o veículo de comunicação introjetou isto em seus textos. As fontes norte-americanas, russas e europeias são as únicas presentes nas reportagens da emissora catari nos primeiros três dias do período analisado em 2015. No texto 5AJ4, elas são as primeiras citadas e apenas no terço final da notícia há referência a "fontes libanesas", que não são identificadas. No segundo texto daquele dia, já repercutindo os ataques aéreos russos, os especialistas ouvidos são todos de centros de pesquisa americanos e nenhum sírio fala sobre uma ação ocorrida em seu país.

Esta ausência de sírios falando sobre a Síria é observada até o quarto dia da cobertura neste período selecionado de 2015. Nas reportagens da Al Jazeera do quinto e sexto dia da análise são citadas pessoas creditadas como ativistas, integrantes da população local, bem como algumas organizações civis ou fontes ligadas ao governo.

No corpus referente a 2017, as fontes sírias estão mais presentes no conjunto de toda a semana analisada, principalmente aquelas não ligadas ao governo do país. As imagens que acompanham os textos, que abordam "o ataque do governo", são basicamente vídeos registrados por movimentos civis sírios mostrando o atendimento às vítimas do gás. Ao dar voz aos sírios em suas reportagens, a emissora os reconhece como parte legítima, ainda que ao tratar das negociações políticas dê sequência à reprodução de posicionamentos russos e norte-americanos sobre a busca de uma solução para a guerra ou investigação de mais um episódio de violência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, o conflito tomou novos rumos, frustrando algumas expectativas e provocando mudanças nos posicionamentos políticos sobre ele. Não resultou em um novo governo, com maior participação de outros grupos islâmicos, como desejava o Catar; nem pró-ocidente, como queriam Estados Unidos e Reino Unido. A cobertura que a Al Jazeera deu ao conflito, apesar das dificuldades de acesso enfrentadas, foi contínua e acompanhou as posições da diplomacia catari.

Embora os textos tragam a versão governamental síria, são as menções à oposição ou às partes que a apoiam que predominam e dão o tom do conjunto das reportagens. O viés se manteve mesmo quando se tornou evidente que as expectativas de vitória dos insurgentes não condiziam com a conjuntura. Quando o objetivo catari era viabilizar alguma intervenção internacional, a narrativa buscava enquadrar o conflito como uma crise humanitária, embasando esta visão nas manifestações de organizações internacionais. O mesmo foi feito em relação às denúncias sobre ataques contra opositores e a população civil em geral, apresentadas posteriormente.

O tema terrorismo, que inicialmente era citado brevemente, em menções quase protocolares da versão do governo sírio, ganha força no corpus referente à 2015 e 2017, quando o Estado Islâmico conseguiu controlar áreas da Síria e do Iraque. A cobertura da Al Jazeera menciona constrangimentos de outros atores políticos quanto à ligação com grupos acusados de envolvimento com o terrorismo, mas omite o apoio financeiro catari a alguns destes grupos. Posteriormente, busca distanciar as partes que foram apoiadas deste tipo de alegação.

Em seu conjunto, os enunciados vão construindo a defesa da intervenção por razões humanitárias, vinculando mais o governo sírio e seus aliados do que os opositores a atos de violência ou violação de direitos humanos. A cobertura discute o fracasso da missão proposta pela Liga Árabe e ONU e progressivamente mostra a intervenção militar como alternativa, questionando a tomada de posição por parte dos Estados Unidos.

Ao apresentar sua política externa, o Catar aponta a mediação de conflitos e a assistência humanitária como princípios. O país tem buscado se mostrar como um defensor dos direitos humanos e um ator comprometido em jogar dentro das regras do sistema mundial, atuando em múltiplas frentes. Ainda que não tenha sido bem-sucedido em alguns propósitos, como obter vantagens políticas na troca do regime sírio, conseguiu ampliar sua presença no cenário internacional.

Embora o Catar não seja citado nominalmente na cobertura da Al Jazeera, a visão política da monarquia transparece na cobertura. O discurso é coerente com a política externa do país e as variações observadas na cobertura seguem o posicionamento adotado ao longo do conflito. Destacamos ainda que os textos estão permeados por ideias e valores consistentes com a ordem mundial vigente, liberal. Destes, destacamos a defesa dos direitos humanos, o dever de intervir nas crises humanitárias e o reconhecimento da liderança norte-americana (manifesto principalmente no último período analisado, de 2017, com a expectativa da reação dos EUA diante da acusação de uso de armas químicas na Síria).

Mesmo que a emissora adote slogans propondo uma visão diferente de mundo, em relação à cobertura sobre a Síria ela reforça os valores que fundamentam a ordem estabelecida, atendendo ao interesse do Catar de buscar maior protagonismo dentro do sistema, mais do que tentar estabelecer uma ordem distinta.

CC BY NC SA

O país obteve um expressivo crescimento econômico nas últimas décadas, mas tem potencial limitado na área militar. Dentro da proposta de elementos de poder trazida por Robert Cox, as melhores possibilidades para o Catar ampliar seu poder estão no campo das ideias e das instituições. Neste sentido, a Al Jazeera é uma ferramenta que lhe permite criar uma imagem positiva do país e tentar buscar apoio na opinião pública estrangeira para ações de interesse do Catar.

REFERÊNCIAS

ABDUL-NABI, Zainab. Al-Jazeera's relationship with Qatar before and after Arab Spring: Effective public diplomacy or blatant propaganda? *Arab Media & Society*, [*s. l.*], n. 24, p. 1–21, 2017.

ABU SULAIB, Faisal Mukhyat. Understanding Qatar's Foreign Policy, 1995-2017. *Middle East Policy*, [*s. l.*], v. 24, n. 4, p. 29–44, 2017. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/mepo.12306. Acesso at: 6 Dec. 2019.

AKHTAR, Nasreen; NAGEEN, Hala. The Syrian conflict: an inside-out and outside-in approach. *International Journal on World Peace*, [*s. l.*], v. 36, n. 3, p. 7–33, 2019.

AKPINAR, Pınar. The limits of mediation in the Arab Spring : the case of Syria. *Third World Quarterly*, [*s. l.*], v. 6597, n. August, 2016.

AL HORR, Abdulaziz; AL THANI, Ghalia; TOK, M. Evren; BESADA, Hany; O'BRIGHT, Ben; MCSPARREN, Jason. Qatar's Global-Local Nexus: From Soft to Nested Power? *In*: TOK, Evren; ALKHATER, Lolwah; PAL, Leslie (org.). *Policy-Making in a transformative state - the case of Qatar*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

AL JAZEERA. *Timeline*. [*S. l.*], 2019. Disponível em: https://network.aljazeera.com/about-us/timeline. Acesso at: 19 May 2022.

AL-GHAZZI, Omar. "Citizen Journalism" in the Syrian Uprising: Problematizing Western Narratives in a Local Context. *Communication Theory*, [*s. l.*], v. 24, n. 4, p. 435–454, 2014.

AL-HORR, Abdulaziz M.; TOK, M. Evren; GAGOSHIDZE, Tekla. Rethinking Soft Power in the Post-Blockade Times: The Case of Qatar. *Digest of Middle East Studies*, [*s. l.*], v. 28, n. 2, p. 329–350, 2019.

BAHRY, Louay Y. The New Arab Media Phenomenon: Qatar's Al-Jazeera. *Middle East Policy*, [*s. l.*], v. 8, n. 2, p. 88–99, 2001. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1475-4967.00020.

BARKHO, Leon. Editorial policies and news discourse – how Al Jazeera's implicit guidelines shape its coverage of Middle East conflicts. *Journalism*, [*s. l.*], v. 22, n. 6, p. 1357–1374, 2021. Disponível em: http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884919841797.

BAŞKAN, Birol. *Turkey and Qatar in the tangled geopolitics of the Middle East*. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

BAYLOUNY, Anne Marie; MULLINS, Creighton A. Cash is King: Financial Sponsorship and Changing Priorities in the Syrian Civil War. *Studies in Conflict & Terrorism*, [*s. l.*], v. 41, n. 12, p. 990–1010, 2018.

BRAMSEN, Isabel. From Civil Resistance to Civil War: Nonstrategic Mechanisms of Militarization in the Syrian Uprising. *Peace & Change*, [*s. l.*], v. 45, n. 2, p. 256–286, 2020.

COCKBURN, Patrick. *A origem do Estado Islâmico*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

COX, Robert W. Gramsci, Hegemony and International Relations: an essay in method. *In*: Gramsci, Historical Materialism and International Relations. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 49–66. *E-book*. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/CBO9780511558993A010/type/book_part.

COX, Robert W.; SINCLAIR, Timothy J. *Approaches to World Order*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CPJ. *Journalists attacked in Syria since 1992*. [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://cpj.org/mideast/syria/.

CULL, Nicholas; CULBERT, David; WELCH, David. *Propaganda and Mass Persuasion*. Santa Barbara: ABC Clio, 2003.

DOUAI, Aziz; MOUSSA, Mohamed Ben. *Mediated Identities and New Journalism in the Arab World*. London: Palgrave Macmillan UK, 2016.

DUNCOMBE, Constance; DUNNE, Tim. After Liberal World Order. *International Affairs,* [*s. l.*], v. 94, n. 1, p. 25–42, 2018.

EL NAWAWY, Mohammed; ISKANDAR, Adel. *Al-Jazeera: The story of the network that is rattling governments and redefining modern Journalism*. Cambridge: Westview Press, 2003.

GILBOA, Eytan. Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects. *Diplomacy & Statecraft*, [*s. l.*], 12:2, 1-28, 2001. DOI: 10.1080/09592290108406201.

GILBOA, Eytan *et al.* Moving media and conflict studies beyond the CNN effect. *Review of International Studies*, [*s. l.*], v. 42, n. 4, p. 654–672, 2016.

GILBOA, Eytan. The CNN effect: The search for a communication theory of International Relations. *Political Communication*, [*s. l.*], v. 22, n. 1, p. 27–44, 2005.

GÖRGÜLÜ, Aybars. *Qatar and Syria Crisis*. Istambul: PODEM, 2018. Disponível em: http://podem.org.tr/en/researches/qatar-and-syria-crisis/. Acesso at: 17 May 2022.

GOVERNMENT COMMUNICATIONS OFFICE. *Foreign Policy*. [*S. l.*], 2020. Disponível em: https://www.gco.gov.qa/en/focus/foreign-policy-en/. Acesso at: 17 May 2022.

GRAFOV, Dmitry. Offensive versus Defensive Realism. *Contemporary Arab Affairs*, [*s. l.*], v. 12, n. 3, p. 21–40, 2019.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere. Volume terzo Quaderni 12-29*. 2. ed. Torino: Giulio Einaudi, 1977-. ISSN 0101-3173. Disponível em: http://hollis.harvard.edu/?itemid=%7Clibrary/m/aleph%7C005055984.

HAJJAR, Babel. *Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global*. 2016. Tese - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-20122016-213406/publico/ParaLerAGuerraDaSiria_BabelHajjar_2016.pdf. Acesso at: 26 Nov. 2022.

HAYDEN, Craig. *The Rhetoric of Soft Power - Public Diplomacy in Global Contexts*. Lanham: Lexington Books, 2011.

HOKAYEM, Emile. Iran, the Gulf States and the Syrian Civil War. *Survival: Global Politics and Strategy,* [*s. l.*], v. 56, n. 6, p. 37–41, 2014.

IKENBERRY, John. Essay Future of the Liberal World Order: Internationalism after America. *Foreign Affairs,* [*s. l.*], v. 90, n. 3, 2011.

JURKOWITZ, Mark; MITCHELL, Amy; MATSA, Katerina Eva. How Al Jazeera Tackled the Crisis Over Syria. *Pew Research Center*, 2013. Disponível em: https://www.pewresearch.org/journalism/2013/09/16/how-al-jazeera-tackled-the-crisis-over-syria/. Acesso at: 2 Oct. 2023.

KABALAN, Marwan. Actors, Structures and Qatari Foreign Policy. *AlMuntaqa*, [*s. l.*], v. 2, n. 2, p. 61, 2019. Disponível em: https://arabcenterdc.org/resource/actors-structures-and-qatari-foreign-policy/ . Acesso at: 18 Jun. 2022.

KABBANI, Nader. The blockade on Qatar helped strengthen its economy, paving the way to stronger regional integration. *Brookings,* [*s. l.*], 19 Jan. 2021. Disponível em: https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/01/19/the-blockade-on-qatar-helped-strengthen-its-economy-paving-the-way-to-stronger-regional-integration/.

KARASIK, Theodore William *et al. Russia in the Middle East*. Washington: The Jamestown Foundation, 2018.

LAGGAZI, Suzy. Em torno da prática discursiva materialista. *Organon,* [*s. l.*], v. 30, n. 59, p. 85–100, 2015.

LEONARD, Mark. *Public Diplomacy*. London: [*s. n.*], 2002. Disponível em https://www.files.ethz.ch/isn/20958/Public_Diplomacy.pdf

LYNCH, Marc. Watching al-Jazeera. *The Wilson Quarterly*, [*s. l.*], p. 36–45, 2005. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/40233061. Acesso at: 29 Sep. 2023.

MAHMOUD, Rustum; ROSINY, Stephan. Opposition visions for preserving Syria's ethnic-sectarian mosaic. *British Journal of Middle Eastern Studies,* [*s. l.*], v. 45, n. 2, p. 231–250, 2018.

MANSOUR, Imad. Qatars Global Activism. *In*: BRAVEBOY-WAGNER, J. (org.). *Diplomatic Strategies of Nations in the Global South*. New York: Palgrave Macmillan, 2016. p. 345–369.

MARTINI, Alice. The Syrian wars of words: international and local instrumentalisations of the war on terror. *Third World Quarterly*, [*s. l.*], v. 0, n. 0, p. 1–19, 2019.

MAZUR, Kevin. State Networks and Intra-Ethnic Group Variation in the 2011 Syrian Uprising. *Comparative Political Studies,* [*s. l.*], v. 52, n. 7, p. 995–1027, 2019. Disponível em: http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0010414018806536.

MELISSEN, Jan. *The new Public Diplomacy - Soft Power in International Relations*. New York: Palgrave MacMillan, 2005-. ISSN 00347329.

MURPHY, Craig N. Understanding IR: Understanding Gramsci. *Review of International Studies*, [*s. l.*], v. 24, n. 3, p. 417–425, 1998. Disponível em: Acesso at: 11 Feb. 2023.

ORLANDI, Eni P. *Michel Pêcheux - textos escolhidos por Eni Orlandi*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

PHILLIPS, Christopher. Eyes Bigger than Stomachs: Turkey, Saudi Arabia and Qatar in Syria. *Middle East Policy,* [*s. l.*], v. 24, n. 1, p. 36–47, 2017. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/mepo.12250.

POURHAMZAVI, Karim; PHERGUSON, Philip. Al Jazeera and Qatari Foreign Policy: A Critical Approach. *Journal of Media Critiques*, [*s. l.*], v. 1, n. 2, p. 11–27, 2015.

REYAZ, Mohammad. Glocalization and the Media. *International Studies*, [*s. l.*], v. 50, n. 3, p. 240–254, 2013.

ROBERTSON, Alexa. Connecting in Crisis: "Old" and "New" Media and the Arab Spring. *International Journal of Press/Politics,* [*s. l.*], v. 18, n. 3, p. 325–341, 2013.

ROBINSON, Piers. The CNN effect: the mith of news, foreign policy and intervention. London: Routledge, 2005.

SALAMA, Vivian. *Covering Syria*. [*S. l.*]: SAGE Publications Inc., 2012.

SAMUEL-AZRAN, Tal; HAYAT, Tsahi. Counter-hegemonic contra-flow and the Al Jazeera America fiasco: A social network analysis of Al Jazeera America's Twitter users. *Global Media and Communication,* [*s. l.*], v. 13, n. 3, p. 267–282, 2017.

SATTI, Mohamed. Framing the Islamic state on al Jazeera English and the BBC websites. *Journal of Arab and Muslim Media Research*, [*s. l.*], v. 8, n. 1, p. 37–53, 2015.

SEIB, Philip. *The Al Jazeera Effect: how the new global media are reshaping world politics.* Washington: Potomac Books, 2008.

THE WHITE HOUSE. *Statement by the President on Syria*. [*Washington: s. n.*], 2011. Disponível em https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2011/08/18/president-obama-future-syria-must-be-determined-its-people-president-bashar-al-assad

TOUZANI, Fouad. The role of Al-Jazeera in empowering Arab civil society. *CEU Political Science Journal*, [*s. l.*], v. 5, n. 2, p. 255–279, 2010.

VOHRA, Anchal. The Pitiful End game of Saudi Arabia's Qatar Blockade. *Foreign Policy*, [*s. l.*], 2020. Disponível em: https://foreignpolicy.com/2020/12/11/the-pitiful-endgame-of-saudi-arabias-qatar-blockade/. Acesso at: 29 Mar. 2023.

WRIGHT, Kate; SCOTT, Martin; BUNCE, Mel. Soft Power, Hard News: How Journalists at State-Funded Transnational Media Legitimize Their Work. *International Journal of Press/Politics*, [*s. l.*], v. 25, n. 4, p. 607–631, 2020.

YAGHI, Mohammad. Media and sectarianism in the middle east: Saudi hegemony over pan-arab media. *International Journal of Media and Cultural Politics*, [*s. l.*], v. 13, n. 1–2, p. 39–56, 2017.

ZABAD, Ibrahim. An Inglorious Revolution: The Syrian Opposition's Compromises. *Middle East Policy,* [*s. l.*], v. 26, n. 4, p. 113–130, 2019.

ZAFIROV, Miroslav. The Qatar Crisis—Why the Blockade Failed. *Israel Journal of Foreign Affairs*, [*s. l.*], v. 11, n. 2, p. 191–201, 2017. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23739770.2017.1382072.

ZARTMAN, I William; HINNEBUSCH, Raymond. *UN Mediation in the Syrian Crisis 1 – Part II : Lakhdar Brahimi*. New York: [*s. n.*], 2016.

ZAYANI, Mohamed. *The Al Jazeera Phenomenon Critical Perspectives on New Arab Media*. London: Pluto Books, 2005. Disponível em: www.plutobooks.com.

ZHANG, Xu; LUTHER, Catherine A. Transnational news media coverage of distant suffering in the Syrian civil war: An analysis of CNN, Al-Jazeera English and Sputnik online news. *Media, War and Conflict*, [*s. l.*], v. 13, n. 4, p. 399–424, 2020.

ANEXO - TABELA CORPUS

data	cód.	manchete	Link de acesso
12/6/2012	AJ1	UN officialsaysSyria in stateof civil war	http://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261212572120933.html
12/6/2012	AJ1b	UN warnsofescalatingviolence in Syria	http://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261235629480931.html
13/6/2012	AJ2	UN officialcallsSyriaconflict 'civil war'	https://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261222721181345.html
13/6/2012	AJ2b	Onthe front linesofSyria'sguer-rillawar	http://www.aljazeera.com/indepth/featu-res/2012/06/201261219374164963 2.html
14/6/2012	AJ3	Syriaaccusedoforganisedattacks	https://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261313238664240.html
15/6/2012	AJ4	Syria's al Hiffa 'deserted' after-clashes	https://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261503338837464.html
16/6/2012	AJ6	UN missionsuspendsactivities in Syria	https://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261612203280366 0.html
16/6/2012	AJ5	Syriaviolence 'derailing' UN peacemission	https://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261511132128154 7.html
17/6/2012	AJ6b	Syriaattacks continue as UN missionstalls	http://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261710582811839 9.html
18/6/2012	AJ7	Rightschief cites Syriawar cri-mes concerns	http://www.aljazeera.com/news/middlee-ast/2012/06/201261894448636829.html
28/9/2015	5AJ1	Obama and Putin agreeonnee-dtocounter ISIL, sparonnearal-lelseat UN	http://america.aljazeera.com/arti-cles/2015/9/28/obama-putin-spar-on-syria--world-visions-at-un.html
28/9/2015	5AJ1b	Iran-Saudi rift over Hajjdecrea-ses chances for solutiontoSyria	http://america.aljazeera.com/arti-cles/2015/9/28/iran-saudi-rift-over-hajj-de-creases-chances-for-solution-to-syria.html
28/9/2015	5AJ1c	Aheadof Putin-Obama meeting, Russiapressesmilitaryefforts in Syria	http://america.aljazeera.com/arti-cles/2015/9/28/ahead-of-putin-obama--meeting-russia-presses-military-efforts-in--syria.html
28/9/2015	5AJ1d	US 'willing' toworkwithRussia-and Iran onSyria	https://www.aljazeera.com/news/2015/9/28/us-willing-to-work-with-russia-and-iran-on--syria
28/9/2015	5AJ1e	Putin: Overthrowing Assad will lead tofailedstate	https://www.aljazeera.com/news/2015/9/28/putin-overthrowing-assad-will-lead-to-fai-led-state
29/9/2015	5AJ2	Obama urges world leaders-toholdcourseagainst ISIL	https://www.aljazeera.com/news/2015/9/29/obama-urges-world-leaders-to-hold-cour-se-against-isil
30/9/2015	5AJ3	Russiabegins carrying out airs-trikes in Syria	http://america.aljazeera.com/arti-cles/2015/9/30/russia-says-it-has-begun--airstrikes-in-syria.html

30/9/2015	5Aj3b	Dozensofcivilianskilled in Syria-air strikes onHoms	https://www.aljazeera.com/news/2015/9/30/dozens-of-civilians-killed-in-syria-air-strikes-on-homs
30/9/2015	5AJ3c	Russianparliamentauthorises use oftroopsabroad	https://www.aljazeera.com/news/2015/9/30/russian-parliament-authorises-use-of-troops-abroad
30/9/2015	5AJ3d	Russiacarries out firstair strikes in Syria	https://www.aljazeera.com/news/2015/9/30/russia-carries-out-first-air-strikes-in-syria
1/10/2015	5AJ4	Russiadefends strikes bolstering Assad government 'weak spots'	http://america.aljazeera.com/articles/2015/10/1/russia-admits-to-targeting--many-groups-in-syria-not-just-isil.html
1/10/2015	5AJ4b	Russia'sSyria strikes revealincoherence in US policy	http://america.aljazeera.com/articles/2015/10/1/russian-strikes-in-syria-reveal-incoherence-of-us-policy.html
1/10/2015	5AJ4c	Ifelected, Trump wouldexpelSyrianrefugees	http://america.aljazeera.com/articles/2015/10/1/trump-warns-against-us-accepting-syrian-refugees.html
2/10/2015	5AJ5	RussiaaccusedofkillingSyriancivilians, warned over non-ISIL raids	http://america.aljazeera.com/articles/2015/10/2/russia-accused-of-hitting-civilians-syria.html
2/10/2015	5AJ5b	Paralysis over Syria builds pressure for reformat United Nations	http://america.aljazeera.com/articles/2015/10/2/paralysis-over-syria-builds--pressure-for-reform-at-united-nations.html
2/10/2015	5AJ5c	Russiamaybewadinginto a quagmire in Syria	
2/10/2015	5AJ5d	Playing football to cope withthe trauma ofSyria'swar	https://www.aljazeera.com/gallery/2015/10/2/playing-football-to-cope--with-the-trauma-of-syrias-war
3/10/2015	5AJ6	RussiasayswillstepupSyrianairstrikes; raidsseennearTurkeyborder	http://america.aljazeera.com/articles/2015/10/3/russia-says-will-step-up--syrian-airstrikes.html
4/10/2015	5AJ7	RussiavowstoexpandSyriabombingcampaign	https://www.aljazeera.com/news/2015/10/4/russia-vows-to-expand-syria-bombing--campaign
4/4/2017	7Aj1b	Syria's 'moderaterebels' toform a new alliance	http://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/04/syria-moderate-rebels-form--alliance-170403064144285.html
4/4/2017	7AJ1	'Toxicgasattack' in Syria kills atleast 58 people	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/attack-syria-kills-35-people-170404075153415.html
5/4/2017	7AJ2	Idlibhospitalsoverwhelmedaftersuspectedgasattack	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/idlib-hospitals-overwhelmed-suspected--gas-attack-170405062828940.html
5/4/2017	7AJ2b	'Chemical attack' in Syriadrawsinternationaloutrage	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/05/chemical-attack-in-syria--draws-international-outrage/

6/4/2017	7AJ3	Donald Trump hintsatmilitaryaction in Syria	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/06/donald-trump-hints-at--military-action-in-syria/
6/4/2017	7AJ3b	Autopsy 'shows chemicalweaponsused in Syriaattack'	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/06/autopsy-shows-chemical--weapons-used-in-syria-attack/
6/4/2017	7AJ3c	Syriadeniesusingchemicalweapons in Idlib	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/syria-denies-chemical-weapons-i-dlib-170406103242116.html
6/4/2017	7AJ3d	Idlib 'chemicalattack' victimsgettreatment in Turkey	http://www.aljazeera.com/video/news/2017/04/idlib-chemical-attack-victims-treatment-turkey-170406051549731.html
6/4/2017	7AJ3e	US warnsof unilateral Syria moves if UN failstoact	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/warns-unilateral-syria-moves-fails--act-170405200400669.html
6/4/2017	7AJ3f	Fromchlorinetosarin: Chemical weapons in war	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/06/from-chlorine-to-sarin--chemical-weapons-in-war/
7/4/2017	7AJ4	US launchescruisemissilesonSyrianairbase	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/us-missiles-syria-170407013424492.html
7/4/2017	7AJ4b	Security Councilweighsoptions over Syriaattack	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/07/security-council-weighs--options-over-syria-attack/
7/4/2017	7AJ4c	Syriagasattack: 'Wefoundbodiesall over thefloor'	https://www.aljazeera.com/features/2017/04/24/syria-gas-attack-we-found--bodies-all-over-the-floor/
7/4/2017	7AJ4e	SyrianNationalCoalitionhails US strike onHoms base	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/syrian-national-coalition-hails-strike-homs--base-170407041535245.html
7/4/2017	7AJ4f	Saudi Arabia, Iran, othersreactto US strike in Syria	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/saudi-arabia-iran-react-strike--syria-170407054521418.html
8/4/2017	7AJ5	Russiawarning as US threatens more Syria strikes	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/08/russia-warning-as-us--threatens-more-syria-strikes/
8/4/2017	7AJ5b	Russia, Iran vowcontinuedmilitarysupport for Assad	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/08/russia-iran-vow-continued-military-support-for-assad/
8/4/2017	7AJ5c	Syria: EvacuationofHoms' Al Waer enclave resumes	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/08/syria-evacuation-of--homs-al-waer-enclave-resumes/
8/4/2017	7AJ5d	Trump may take furtheractiononSyria	https://www.aljazeera.com/videos/2017/04/08/trump-may-take-further-action-on-syria/

9/4/2017	7AJ6	Trump is no global humanitari-anor friend toSyrians	http://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/04/strike-syria-mark-policy--shift-170407135727320.html
9/4/2017	7AJ6b	Nikki Haley: No solutiontowar-with Assad in power	http://www.aljazeera.com/news/2017/04/nikki-haley-solution-war-assad--power-170409043218584.html
10/4/2017	7AJ7	Assad alliesvowreprisalsagains-tattacksonSyria	https://www.aljazeera.com/news/2017/04/10/assad-allies-vow-reprisals-against-attacks-on-syria/